



Entre chatos e lunáticos



Era um falso louco como Hamlet, mas estava mais para bufão do que para príncipe. Andava pelos bares da cidade recitando poemas épicos inteiros, caprichando na entonação e a plenos pulmões. Preferia ir ao velho Beirute, onde os frequentadores reagiam, normalmente com apupos — sim, era um tempo em que se apupava ao vivo e não escondido em rede social — desde a entrada em cena.

“Estamos em pleno mar... Doudo no espaço, brinca o luar — dourada borboleta”, gritava ele, caprichando nas inflexões para ressaltar o caráter parnasiano e dar ritmo ao poema. Ainda assim dava pena de Castro Alves, que se esmerara para dar sentido, cadência e emoção às palavras. Impressionante era a memória do pretense aedo.

Brasília era coalhada de gente assim. Pessoas à procura de uma identidade, em busca de reconhecimento, tentando se encaixar em alguma alcateia, embora não fossem mais que carneiros. Deslocados, chatos, sem noção, tinham pouco a oferecer, mas se expunham. Não eram lunáticos, mas queriam ser reconhecidos como tais.

Andam sumidos; volta e meia um candidato aparece, mais discretamente. Dias atrás, encontrei um deles — aliás, são eles que nos encontram. Tentava se passar por maluco beleza, mas seguindo a teoria de meu avô João, só acredito que o sujeito é doido quando rasga dinheiro. Este, ao contrário, tentava coletar algum para tomar uma cerveja — e aí eu cometi um erro: paguei-lhe uma Antártica.

Tenho esse problema. Gosto de esticar assunto com completos desconhecidos em botequins. No interior, é mais barato: com vinte e cinco centavos de pinga no copo, encontra-se muito mais que amigos. Viram escudeiros e, se preciso, morrem por você — ainda mais se houver outras doses. E desfiam uma quantidade enorme de causos, um mais mentiroso que o outro. Há os que cantam, declamam, entretêm.

Mas quem eu encontrei não era um personagem interessante. Era só um chato. Tentou me convencer que tinha poderes sobrenaturais, quase um Paulo Coelho, que no início da carreira de cascadeiro dizia fazer chover. Depois, parece, desaprendeu.

Enfim, o meu chato disse ter viajado o mundo para encontrar palavras mágicas que levam à libertação pessoal, à felicidade absoluta. Eu comentei que seria muito útil para esse pessoal que subiu rampas sem rede de proteção, mas ele não gostou do chiste. Na qualidade de chato, insistiu; a busca não terminou, faria uma nova viagem, uma caminhada ainda mais longa. O resto não ouvi, até porque achei que a cerveja estava saindo muito cara.

O certo é que está difícil esbarrar com chatos interessantes, como os dos velhos tempos; eram românticos, não buscavam nada além de uma companhia e um pouco de atenção, despejando perdigotos na orelha dos incautos — a veemência faz com que falem cuspidando e agarrando a vítima pelas mangas.

Nesta hora, a melhor saída é o telefone celular. Basta puxá-lo do bolso, apertar um botão imaginário, pedir licença e dizer: — Alô? Todo chato recua. E é aí que, saindo de fininho, falando com ninguém, você sai da cena e encontra a própria libertação. A conta fica pendurada.